

# OS DESAFIOS ENFRENTADOS PELOS PROFESSORES REGENTES COM OS ALUNOS AUTISTAS

Larissa Ribeiro Do Prado

Acadêmica do curso de Pedagogia da Faculdade Almeida Rodrigues (E-mail: lariissa.praadoo@gmail.com)

Maria Alice Silvionato De Oliveira

Acadêmica do curso de Pedagogia da Faculdade Almeida Rodrigues (E-mail: silvionatoazaz09@gmail.com)

Rúbia Wérica de Sousa Nogueira

Orientador(a) do curso de Pedagogia da Faculdade Almeida Rodrigues (E-mail: rwerita@yahoo.cim)

## RESUMO

Ao pensarmos que crianças autistas estão em número cada vez maior no ambiente escolar, o presente artigo aborda os desafios enfrentados pelos professores regentes em sua rotina de trabalho. O conteúdo da pesquisa, evidencia a sobrecarga do professor em relação à quantidade de alunos em uma sala de aula, a falta de apoio do sistema educacional, falta de recursos didáticos, instalações inadequadas com excessos de estímulos, entre outras, que pode resultar em uma educação insuficiente para as crianças autistas. A inclusão escolar de crianças autistas deve ser levada a sério, e é necessário haver um esforço conjunto de professores, pais e instituições para tornar a escola um lugar mais acolhedor e acessível para essas crianças. É fundamental o acompanhamento individualizado sempre que necessário, considerando suas necessidades, especificidades e habilidades, para poderem se desenvolver e evoluir em seu próprio ritmo. A implementação de medidas de inclusão educacional para crianças autistas deve ser um compromisso de todos os envolvidos na educação das crianças, incluindo instituições escolares, professores, pais e órgãos públicos responsáveis. É necessária uma mudança na visão sobre a educação inclusiva na totalidade, para podermos criar um ambiente mais justo e acessível para todas as crianças, independentemente de suas diferenças individuais.

**Palavras-chave:** Professora de apoio. Autismo. Inclusão.

## THE CHALLENGES FACED BY TEACHERS SUPPORTING AUTISTIC STUDENTS

### ABSTRACT

When we think that autistic children are in increasing numbers in the school environment, this article addresses the challenges faced by regent teachers in their work routine. The content of the research shows the teacher's overload in relation to the number of students in a classroom, the lack of support from the educational system,

lack of teaching resources, prescriptions with excessive stimuli, among others, which can result in insufficient education for autistic children. The school inclusion of autistic children must be taken seriously, and it is necessary to have a set of efforts from teachers, parents and institutions to make the school a more welcoming and accessible place for these children. Individualized follow-up is essential whenever necessary, considering their needs, specificities and abilities, so that they can develop and evolve at their own pace. The implementation of educational inclusion measures for autistic children must be a commitment of everyone involved in children's education, including school institutions, teachers, parents and responsible public bodies. A shift in the view of whole inclusive education is needed if we are to create a more equitable and accessible environment for all children, regardless of their individual differences.

**Keywords:** Support teacher. Autism. Inclusion.

## 1. INTRODUÇÃO

O transtorno do espectro autista (TEA) é um distúrbio do neurodesenvolvimento caracterizado por desenvolvimento atípico, manifestações comportamentais, déficits na comunicação e na interação social, padrões de comportamentos repetitivos e estereotipados, podendo apresentar um repertório restrito de interesses e atividades. Os desafios surgem diariamente pelos professores que trabalham com alunos com autismo em sala de aula no processo de ensino aprendizagem. O artigo visa principal identificar as dificuldades enfrentadas diariamente pelos professores que trabalham com alunos autistas em sala de aula.

O artigo foi realizado por meio de uma revisão bibliográfica com abordagem das principais dificuldades vivenciadas dia a dia pelos os professores que acompanham cada estudante, buscando assim reconstruir as estruturas do campo social e o significado latente das práticas no ambiente escolar. A pesquisa realizada de forma qualitativa revelando uma situação rica e real em dados descritos, além da realidade de maneira complexa, visando desenvolver uma subjetividade, também se observa que a qualitativa faz um papel de observador participante para ser comparada a dos indivíduos observador e observado, ou seja, deve delimitar o objeto de estudo, o foco, o local para a realização da pesquisa, esses aspectos são consideráveis, pois dará qualidade aos dados obtidos sem excesso de informação. (FLICK, 2004).

O presente trabalho foi embasado por uma pesquisa qualitativa e pesquisa biográfica onde pegamos alguns artigos e informações que acreditávamos que seria significativa para nossa pesquisa, onde teve toda uma observação e coleta de dados.

Atualmente a mídia tem se interessado vida de pessoas com autismo e principalmente a sua inclusão na área da educação, tem se notado um cuidado em incluir pessoas autistas, levando-as a viver uma vida comum em sociedade. A inclusão é uma prática relativamente recente, havendo certa dificuldade entre os profissionais da área da educação ao trabalhar com os alunos (as) autistas.

O interesse pela pesquisa se deu ao observarmos que durante o estágio nos anos iniciais e em nossas vivências, havia alunos inclusos com diferentes tipos de comorbidades, e nesse cotidiano já vivenciamos o quanto essa inclusão faz diferença na vida das pessoas, veio ao presenciar um aluno autista, onde a professora mesmo com todas as dificuldades que a inclusão conseguiu incluir a criança nas atividades de socialização e desenvolvimento.

## **2 EDUCAÇÃO INCLUSIVA**

A escola é um lugar no qual proporciona interação de aprendizagens significativas a todos os seus alunos, baseadas na cooperação e na diferenciação inclusiva. Partindo do pressuposto de que, todos os alunos estão na escola para aprender e, por isso, participam e interagem uns com os outros, independentemente das dificuldades mais ou menos complexas que possam evidenciar, e às quais cabe à escola adaptar-se, nomeadamente porque esta atitude constitui um desafio que cria novas situações de aprendizagem para todos os intervenientes da comunidade escolar (AINSCOW, 1998).

A responsabilidade da comunidade escolar tem o dever de propor soluções, visando proporcionar uma educação de qualidade para todos. Nesse sentido, a escola deve ser um ambiente no qual o respeito, a tolerância e a inclusão sejam valores cultivados e praticados diariamente. É importante que a escola promova atividades que estimulem a convivência harmoniosa entre os alunos, incentivando a empatia e a compreensão das diferenças individuais. Além disso, é fundamental que a escola esteja equipada com recursos pedagógicos e técnicos que possam auxiliar no processo de ensino-aprendizagem dos alunos com necessidades educativas especiais, garantindo-lhes o acesso ao conhecimento sem nenhum tipo de discriminação.

O papel da escola é proporcionar uma educação inclusiva e de qualidade para todos os alunos, independentemente de suas características individuais, promovendo

um ambiente acolhedor e estimulante para o desenvolvimento socioemocional e cognitivo. A maior dificuldade enfrentada hoje na inclusão é a falta de estrutura e preparação para receber esses alunos na escola. Todos os alunos têm o direito de aprendizagens, de interagir, socializar e ter uma inclusão de qualidade na escola, e com isso deve se haver várias adaptações para melhorias na instituição, para que essa criança seja realmente incluída na unidade escolar e se sinta acolhida por todos.

Essa convivência é de grande importância para os alunos da inclusão e para os demais, para que os outros aprendam que apesar das diferenças todos somos iguais, evitando qualquer tipo de discriminação em sala de aula.

Cada aluno autista é único e pode ter ou não necessidades singulares, assim será sempre necessário ter sucesso na sala de aula com adaptações constantes, para que esse objetivo seja alcançado. É importante fornecer instruções claras e concisas e, se necessário, usar recursos visuais para ajudar na compreensão, levando sempre em consideração que os mesmos podem ser altamente sensíveis a estímulos sensoriais, como luzes com efeitos ou som alto (GAUDERER, 2011).

Cada aluno autista tem sua característica, nem um aluno autista é igual. Por isso deve ser estudado o perfil do aluno visando a observação e a construção do perfil do aluno, conseqüentemente tendo a oportunidade de captar as suas características, formas de agir. Existe o aluno autista leve, o verbal, e o não verbal, e cada um deve-se ser usado uma metodologia de acordo com sua necessidade e dificuldade. Pois há alguns alunos com autista quem tem dificuldade de aprendizagens, e o autista com o Qi super elevado ainda mais se for trabalhado de maneira correta sua habilidade e pode chegar uma criança não verbal, que não se comunica ou até menos ter dificuldades para segurar um lápis. Percebemos que cada caso é um caso. Por isso a importância estudar o CID do aluno, o laudo médico, fazer uma entrevista com os pais para montar o perfil do aluno, e apresentar o ambiente escolar para que o aluno conheça a escola antes de começar às aulas, para no dia que iniciar as aulas ele já se sentir confiante e familiarizados com todos a sua volta.

É fundamental um ambiente escolar adequado que favoreça aos estudantes os ensejos necessários para desenvolverem suas potencialidades. É necessário viabilizar e incentivar todos os alunos, ou seja, que todos possam aprender juntos sempre que possível, independentemente de qualquer dificuldade e das diferenças que possa apresentar, qualquer atitude discriminatória (BORDIN, 2009).

Ademais, para haver um ambiente escolar adequado, é preciso considerar diversos aspectos, como a infraestrutura do prédio escolar, a qualidade dos materiais utilizados, a disponibilidade de recursos tecnológicos, a formação e capacitação dos professores e demais profissionais da escola, entre outros. É fundamental que haja políticas públicas que incentivem a inclusão social e o respeito à diversidade, de forma que todos os alunos tenham as mesmas oportunidades de aprendizado e sejam tratados de forma igualitária. É necessário combater qualquer forma de preconceito e discriminação, promovendo a inclusão de alunos com necessidades especiais, de diferentes raças, gêneros, culturas e orientações sexuais.

Nesse sentido, é importante haver projetos pedagógicos que valorizem a diversidade e a inclusão, assim como a formação de professores que saibam lidar com a diversidade de alunos e possam adaptar suas práticas pedagógicas às necessidades individuais. A escola deve ser um ambiente acolhedor, seguro e estimulante, que proporcione aos alunos oportunidades de aprendizado significativo e desenvolvimento pessoal.

É necessário que os professores tenham um olhar diferente com esses alunos, que tenha mais amor, empatia, aquele primeiro contato de professor e aluno e extremamente importante, a confiança, para que esse aluno se sinta mais à vontade, sinta um afeto pelo seu professor e isso automaticamente gera bem mais chances de dar certo no dia a dia, com a convivência em sala.

O Governo Federal Brasileiro instituiu por meio da lei nº 12.764 de dezembro de 2017 a política Nacional de proteção dos direitos da Pessoa com transtornos do espectro Autista, caracterizado o TEA como uma deficiência persistente e clinicamente significativa da comunicação e da interação social. É manifesta por uma possível deficiência verbal e não verbal usada para a interação social pode desenvolver dificuldades para manter relações (BOSA, 2022).

Como é citado a cima e direito por lei da criança autista ter uma educação em uma escola regular para que ele possa se desenvolver socialmente e socializar com outras crianças. A criança autista ela tem dificuldade de interagir, socializar, ela tem dificuldade para expressar os seus sentimentos, para si comunicar, geralmente não gosta de trabalhar em grupo, e um lugar quem contem muito barulho o incomoda muito levando a criança a ficar nervosa e ter uma crise dentro de sala. Geralmente a criança autista não gosta do intervalo pelo fato da agitação das crianças o brincar. Sem falar

na dificuldade que essa criança tem para alfabetizar, tem dificuldade em manter o foco ao realizar uma atividade em sala.

Toda criança tem o direito de ser alfabetizada, interagir, socializar com os demais, é extremamente importante que os pais caminhem com a escola para acompanhar o desenvolvimento do aluno. É fundamental que todos professores, agentes de apoio, tenha acesso a um estudo, tenha uma preparação para lidar com esse aluno (MENEZES, 2012).

“A alfabetização é um direito de toda criança, e é dever dos pais e da escola trabalharem juntos para garantir que esse direito seja realizado” (MENEZES, 2012, pág. 28).

Algumas escolas já aderiram à forma de adaptação do aluno antes do primeiro dia de aula, onde os pais vão à escola com seu filho para a criança conhecer a escola, as tias da cantina, as professoras, para a criança se sentir à vontade no seu primeiro dia de aula e conseqüentemente já ir se familiarizando com a instituição.

É fundamental que a escola e os pais caminhem juntos, para que os pais possam participar da vida escolar do filho, para acompanhar cada evolução e vibrar com cada vitória isso é essencial na vida do aluno. Sem falar que a probabilidade de dar certo é bem maior.

É também imprescindível aconteça alterações urgentes na rede regular de ensino, como, por exemplo, a deve ser um critério prioritário em uma escola inclusiva, organizar cursos de oficinas e outros mecanismos que a formação e demais funcionários da escola, para que a falta de preparo seja mais considerada um obstáculo na efetivação desse processo (BORDIN, 2009).

Hoje umas das maiores dificuldades do professor com o aluno autista, é a falta de estrutura e preparação na unidade escolar para receber esse aluno, e isso deve mudar pois, o número de crianças que sofre com algum déficit está aumentando cada vez mais e isso é preocupante, a escola deve sofrer diversas adaptações, para que essa criança seja realmente incluída na unidade escolar.

Os profissionais da educação devem demonstrar conhecimento em todos os aspectos de intervenção e manejo no que diz respeito a inclusão com isso compete a Instituição escolar dar ferramentas aos profissionais sobre e qualquer caso que envolva a inclusão fundamental que as Leis educacionais permitam o professor transcender em sua profissão (DRUMOND, 2010).

É importante que todos os que trabalham na escola tenha um conhecimento sobre a inclusão, principalmente os professores para que eles saibam lidar com esses alunos, para ele pode interagir com mais facilidade com seu aluno, a falta de conhecimento e preparação pode dificultar e muito essa vivência no dia a dia em sala de aula.

Contudo, os professores acreditam que a qualificação profissional tem melhorado, mesmo que de forma individualizada, visto, desta forma ao reconhecermos que existem dificuldades nos sistemas de ensino, temos que admitir que existam também práticas de segregação e que não são eficientes para atender de forma eficaz a grande maioria dos estudantes com necessidades especiais, tirando deles o direito de ser incluído (KLIN, 2006, pág. 82).

É importante investir em políticas públicas que garantam uma formação adequada para os professores, assim como estruturação das escolas para atender às necessidades de alunos com deficiência e/ou transtornos de aprendizagem. Somente dessa forma será possível garantir a igualdade de acesso e permanência de todos na escola, tendo como meta a formação integral e desenvolvimento pleno de cada um.

Nesse sentido considera que a inclusão passa por momentos complexos, cada vez mais necessários, importante para constituir em uma formação humana e justa, abolindo o preconceito.

## **2.1 Conhecimento dos professores relacionados à inclusão escolar**

Alguns professores acreditam que para incluir é necessário quebrar paradigmas, fazendo com que alunos possam participar juntos, independentemente de suas especificidades, pois crianças com autismo precisam ser inclusas, aceitas no ambiente escolar como pessoas 'normais', sem preconceito, para poderem ser alfabetizadas e aprendam a se desenvolver. (PLETSH; LIMA, 2014).

Realmente para haver uma inclusão significativa eles devem interagir e participar das aulas, interagir com os colegas, mas para que isso aconteça os professores devem quebra alguns paradigmas em sala de aula, usando metodologias de acordo com cada dificuldade do aluno. Hoje há vários métodos de ensino, para a educação inclusiva, jogos educativos, dinâmicas que realmente chama a atenção do aluno, incentiva a interação com os alunos e assim conseqüentemente trabalhando suas potencialidades.

Para outros professores a palavra inclusão seria apenas 'incluir'. Pensamentos como estes servem para mostrar a importância de se continuar os estudos acerca da temática, fazendo com que professores principalmente aqueles que lidam diariamente com alunos autistas, se encantem com este mundo e queiram a cada dia mais estudar, pesquisar, formar opinião desta realidade, para que os paradigmas sejam quebrados e aumente o conhecimento dos professores (OLIVEIRA, 2015).

Percebemos que alguns professores não conseguiram entender o verdadeiro sentido da inclusão do aluno, afinal não é apenas só incluir na turma, mas sim se adequar às suas necessidades

Sendo assim, a inclusão escolar deve ser vista como um processo contínuo de adaptações e transformações, onde todos os envolvidos devem estar em constante evolução e aprendizado. É necessário perceber que a inclusão não é apenas uma questão de vontade ou caridade, mas sim um direito assegurado por lei, que busca garantir o pleno desenvolvimento e aprendizado de todos os alunos. Incluir um aluno não é simplesmente matricular ele e colocar ele no fundo da sala, desenhando, quando o aluno não interage no intervalo com as crianças, isso na verdade, está longe de ser uma inclusão e sim uma exclusão.

Mesmo que a proposta de inclusão represente uma expressão de direitos humanos, sabemos que o processo de incluir depende da formação das pessoas, o que torna a tarefa da família e da escola muito mais importante. Transformar os valores da formação das pessoas reconhecendo os direitos de cidadania de todos é primordial para a real efetivação da inclusão escolar com qualidade (CALLONERE, 2002).

Para isso, a formação e o desenvolvimento de práticas inclusivas devem ser pautas prioritárias nas políticas educacionais, garantindo que os professores tenham as ferramentas necessárias para atender às necessidades de todos os alunos. A inclusão escolar com qualidade é um processo contínuo e necessita da dedicação e esforço de todos

Inclusão não é apenas uma presença física, é um sentimento. Trata-se da troca de pertencimento entre a escola e a criança, ou seja, ela precisa se sentir pertencente à escola e esta, precisa ser responsável por esta criança. É de suma importância ressaltar que a responsabilidade por este aluno continua sendo do professor regente e escola, jamais propondo atividade diferente, pois isto estaria dificultando a inclusão propriamente dita (PLETSH; LIMA, 2014).

Os professores muitas vezes podem ter dificuldades em lidar com crianças autistas, principalmente se não foram devidamente capacitados ou treinados para isso. Alguns dos principais desafios podem incluir: Comunicação e Comportamento. Crianças autistas podem ter dificuldades em se comunicar e expressar suas necessidades e emoções. Os professores podem enfrentar problemas para compreender a linguagem não-verbal ou, as limitações de linguagem da criança. Crianças autistas frequentemente demonstram comportamentos repetitivos ou ritualísticos, ou podem ter respostas atípicas a estímulos sensoriais. Isso pode levar a problemas de comportamento em sala de aula, como agitação, distração ou hiperatividade, inclusão.

Para lidar com esses desafios, os professores podem buscar capacitação especializada, trabalhar em conjunto com profissionais da saúde e estimular a integração das crianças autistas em atividades e projetos em grupo, de forma diferenciada e adaptada às necessidades individuais de cada aluno.

A melhor maneira para a formação dos docentes na área de educação especial, é propiciar melhores condições de viabilizar a escolarização do aluno autista, mas cabe também à família e aos pais, conhecer de forma efetiva os fatos que abarcam seus filhos, principalmente neste caso, com o filho que é autista (KLIN, 2006).

A formação dos docentes na área da educação especial é fundamental para garantir uma educação inclusiva, respeitando as particularidades de cada aluno, especialmente aqueles com autismo. Para isso, é preciso oferecer aos professores condições para aprofundar seus conhecimentos sobre o autismo, por meio de cursos, treinamentos, palestras e outros recursos de capacitação. Mas, além disso, também é importante que a família participe desse processo, conhecendo mais sobre o autismo e como podem ajudar seus filhos no processo educacional.

Conhecer a inclusão escolar fará com que os pais possam entender que os direitos dos filhos possam ser desenvolvidos no ambiente escolar, fazendo com que se alcance a finalidade real deste projeto, que é a inclusão na sociedade, tornando isto algo natural e compartilhado entre todos. De um lado defendemos que é necessária uma formação profunda por parte dos profissionais que lidam com a educação inclusiva, isto não pode servir como 'muleta' para a exclusão (FUMEGALLI, 2012).

Além disso, é importante que os pais estejam abertos a diferentes formas de aprendizado, pois cada aluno tem suas particularidades e necessidades específicas.

A inclusão escolar é fundamental para que os pais possam entender como a escola pode ser um ambiente acolhedor e que valoriza a diversidade, ajudando seus filhos a desenvolverem habilidades sociais e emocionais, além das acadêmicas. Quando todos os envolvidos na educação se comprometem com a inclusão escolar, é possível criar um ambiente mais justo e igualitário para todos os alunos.

Menezes (2012), pontua que durante muito tempo acreditava ser possível generalizar pessoas com TEA a partir de um mesmo diagnóstico e, assim, padronizar estratégias. Hoje, sabemos que essa noção é simplista. Ainda que apresentem diagnósticos iguais, duas pessoas podem reagir às mesmas intervenções de maneira distinta. A ideia de que a escola precisa antes estar pronta para só depois receber os alunos com deficiência é baseada na expectativa ilusória de um saber pronto, capaz de prescrever como trabalhar com cada criança.

É necessário que a escola esteja preparada para trabalhar com a diversidade humana na totalidade, incluindo a diversidade presente no transtorno do espectro autista. Para isso, é importante que os profissionais que atuam na escola tenham conhecimento sobre o TEA e estejam capacitados para atender as necessidades específicas de cada aluno.

Um olhar mais individualizado ao trabalho com alunos com TEA possibilita que sejam criadas estratégias educacionais mais efetivas, considerando as particularidades de cada indivíduo. A escola pode se tornar um espaço acolhedor, inclusivo e democrático, em que as diferenças são valorizadas e respeitadas. O importante é que a escola esteja preparada para atender alunos com TEA, compreendendo a diversidade como parte de sua rotina e propiciando condições para que todos os alunos possam aprender e se desenvolver de forma adequada.

Segundo Lerner (2008) enquanto o conhecimento está remetido à compreensão inconsciente em seu papel de formação do sujeito, é preciso analisar esta relação ao tratarmos de indivíduos nos quais o processo de formação psíquica está prejudicado. Portanto, a partir dessas observações, podemos considerar o ato de escrever como um poderoso meio de expressão, através do qual, o indivíduo com autismo pode mostrar-se ao mundo e derrubar as barreiras impostas pela sua sintomatologia, auxiliando-nos, inclusive, a compreender o transtorno e suas diferentes formas de manifestação.

Encontrar uma forma de se comunicar com o mundo e com sua própria subjetividade. A escrita pode ser uma ferramenta eficaz para ajudar pessoas com

autismo a se expressarem e se entenderem melhor. Através da escrita, elas podem explorar suas emoções, pensamentos e ideias de uma forma segura e controlada, sem a necessidade de interações sociais complexas. Além disso, a escrita pode ajudar a desenvolver habilidades de linguagem e comunicação, bem como aprimorar as habilidades motoras finas. No entanto, é importante lembrar que as pessoas com autismo são únicas e podem ter dificuldades diferentes em relação à escrita. Algumas podem ter dificuldades com a coordenação motora, outras podem ter dificuldades com a compreensão e organização das ideias. Portanto, é importante que as estratégias utilizadas sejam adaptadas às necessidades individuais.

Em resumo, a escrita pode ser uma ferramenta poderosa para ajudar pessoas com autismo a se expressarem e se desenvolverem. É importante que os profissionais e cuidadores que trabalham com essas pessoas explorem diferentes estratégias e adaptem as abordagens segundo as necessidades individuais.

Macedo (2010) considera que o autismo, sendo um distúrbio relacionado ao vínculo, necessita de recursos técnicos que possibilitem maior variedade de situações, contatos e relações. Portanto, é relevante analisar o método grupal como um modelo terapêutico importante no tratamento de crianças com espectro autista, na intenção de estimular pulsões e proporcionar interações entre as crianças participantes e entre elas e os terapeutas (OLIVEIRA, 2015).

O método grupal busca oferecer um espaço onde as crianças com autismo possam experimentar novas formas de interação e comunicação com outras pessoas. Essa interação grupal promove o desenvolvimento das habilidades sociais e emocionais, além de propiciar experiências que possibilitem a construção do vínculo afetivo entre elas, contribuindo para o desenvolvimento da empatia e da capacidade de se colocar no lugar do outro.

Dessa maneira, o método grupal pode auxiliar no desenvolvimento da linguagem e da capacidade de se expressar, além de estimular a criatividade e a imaginação, contribuindo para a melhoria da qualidade de vida das crianças com autismo. Além disso, a participação em grupos pode ajudar a quebrar o isolamento social, tão frequente em crianças com autismo, e proporcionar oportunidades de sentir-se parte de um grupo, fato que pode contribuir para a autoestima e para a construção de uma imagem positiva de si mesmas. Portanto, o método grupal pode ser uma estratégia muito eficaz no tratamento de crianças com espectro autista, oferecendo um espaço de interação e socialização que propicia o desenvolvimento de

habilidades sociais e emocionais essenciais para a construção de vínculos afetivos e uma melhor qualidade de vida dessas crianças. No sentido de uma melhora de socialização, Simões et al. (2010) acreditam que o processo grupal é mais eficiente, neste aspecto, quando acontece através em que estejam envolvidos os indivíduos com autismo, suas famílias e os profissionais de saúde, assim, todos os indivíduos implicados no processo podem permanecer afetivamente unidos, gerando uma criação de vínculo.

A brincadeira é entendida como a possibilidade de uma comunicação e do encontro entre a realidade subjetiva e a percebida, o que auxilia na maturação do indivíduo, pois este encontro equivale a uma forma de integração da pessoa (FULGENCIO, 2008).

Além disso, a brincadeira é uma forma de aprendizado e de experimentação do mundo, permitindo que a criança explore possibilidades, desenvolva habilidades motoras e cognitivas, e aprenda a lidar com outras pessoas e situações sociais. De acordo com Piaget, a brincadeira é uma forma de assimilação e acomodação, onde a criança adapta-se ao mundo ao mesmo tempo, em que constrói sua percepção dele. Já Vygotsky enfatiza o papel da brincadeira na construção da linguagem e da aprendizagem socioemocional, através da interação com outros indivíduos e do uso simbólico dos objetos.

Portanto, a brincadeira é um processo crucial para o desenvolvimento infantil, que gera inúmeros benefícios como aprimoramento das habilidades motoras, cognitivas e socioemocionais, além de ajudar a construir uma percepção mais integrada da realidade

De acordo com Gomes e Pujals (2015) essa abordagem psicoterápica propõe o desenvolvimento de habilidades nos cuidados pessoais ou atividades cotidianas básicas, como escovar os dentes ou vestir-se, através do treinamento do comportamento desejado (modelagem), esquemas de reforço, etc. Além disso, também visa obter meios de controle da impulsividade e agressividade, que usualmente se manifestam no transtorno.

Autismo, aprimorando a comunicação e interação social. A análise do comportamento aplicada (ABA) é um dos modelos terapêuticos mais aplicados para pessoas com transtorno do espectro autista (TEA) e é baseado em princípios e técnicas comportamentais. Essa abordagem procura identificar as habilidades deficientes e os comportamentos inadequados e trabalha esses aspectos por meio de

intervenções específicas, utilizando ênfase na aplicação de reforços positivos e negativos, modelagem, encadeamento, entre outras técnicas comportamentais.

O objetivo dessa abordagem é maximizar o potencial das pessoas com TEA e promover a aprendizagem e a independência em diversas áreas (comunicação, habilidades sociais, atividades da vida diária, etc.), utilizando procedimentos empiricamente validados e adaptados às necessidades individuais de cada paciente. É importante ressaltar que a intervenção em ABA deve ser realizada por um profissional capacitado e certificado na área, e que o tratamento deve ser baseado em uma avaliação cuidadosa e individualizada, a fim de garantir a eficácia e a segurança da terapia.

Contudo, a partir das leituras feitas para este trabalho, conclui-se de maneira a concordar com o pensamento de Silva e Rocha (2008) ao discorrerem em seu estudo que, além da escolha de uma abordagem psicoterápica, é extremamente importante refletir o que a prática clínica de pacientes com Transtorno do Espectro Autista nos revela sobre o acolhimento, respeito e reconhecimento do outro em sua diferença, já que estes gestos continuam sendo o que de mais importante e terapêutico a clínica é capaz de proporcionar através do contato de um ser humano com o outro (OLIVEIRA, 2015).

Consoante os professores vários são os desafios que enfrentam para efetivar a inclusão de alunos autistas na escola. Pôde-se perceber que embora se fale muito em inclusão de alunos especiais, para estes professores as dificuldades são várias e que podem resultar em um trabalho não muito adequado para o processo inclusivo. Na realidade ainda existem muitos entraves que dificultam o trabalho realizado pelos professores. Como exemplo, segue a resposta de um dos professores questionados:

Enfrentei dificuldades relativas à socialização e interação com o aluno; ausência de uma mediadora (só veio depois de alguns meses); senti dificuldades em fazer as intervenções adequadas por falta de capacitação para trabalhar com alunos especiais (PROFESSOR. 02).

Esta resposta mostra que a insegurança do professor quanto ao atendimento do aluno autista estar mais vinculada à falta de formação e conhecimento sobre a educação especial. Segundo Beyer (2007, pág. 12), “os professores se sentem despreparados [...]. Faltam a estes uma melhor compreensão acerca da proposta de inclusão escolar, melhor formação conceitual e condições mais apropriadas de

trabalho”. Estas com certeza são os maiores desafios dos professores no processo da educação inclusiva. A perspectiva da educação inclusiva nacional deve focar não somente a matrícula do aluno na escola, mas também o preparo do contexto da comunidade escolar a fim de recebê-lo e incluí-lo de fato no processo educativo.

O professor em sala de aula é peça fundamental para que a ação educativa junto aos alunos com necessidades educacionais especiais tenha margem razoável de sucesso. Assim, tanto a formação inicial como a formação continuada do professor em serviço deve englobar conceitos e uma prática pedagógica que criem as condições para uma prática educativa coerente com o projeto inclusivo (BEYER, 2007, pág. 80).

### **3. METODOLOGIA**

O projeto de pesquisa foi embasado por uma abordagem qualitativa. Essa abordagem estuda o curso das interações e a elaboração, buscando assim reconstruir as estruturas do campo social e o significado latente das práticas no ambiente escolar.

A pesquisa qualitativa revela uma situação rica e real em dados descritivos, além da realidade de maneira complexa, visando desenvolver uma subjetividade, também para a pesquisa qualitativa traz um papel de observador participante para ser comparada a vivência do indivíduo observador, ou seja, deve delimitar o objeto de estudo, o foco, o local para a realização da pesquisa, esses aspectos são consideráveis, pois dará qualidade aos dados obtidos sem excesso de informação.

A pesquisa tem um papel observador, onde deve se planejado como pode ser observado, para a pesquisa tenha validade temos que avaliar o objeto de estudo, o foco, o local para a realização da pesquisa, embasado nisso fazer uma coleta de dados, pegando todas as informações que acreditamos ser significativas para nosso estudo via artigos, pesquisas bibliográficas e qualitativas, pesquisa a campo.

### **4. CONCLUSÃO**

A inclusão escolar de alunos autistas é um tema de extrema importância na atualidade, gerando debates acalorados entre profissionais da área da educação e famílias de pessoas diagnosticadas com algum transtorno de espectro autista. Esses alunos necessitam de um ambiente educacional que esteja preparado para as suas necessidades e diferenças, possibilitando a elas uma educação de qualidade e uma vida plena em sociedade.

Apesar dos desafios existentes na inclusão escolar de alunos autistas, a efetivação da educação inclusiva é uma conquista humanística importante e faz parte dos ideais democráticos de uma sociedade. A inclusão escolar deve ser vista como um desafio coletivo, onde todos os envolvidos no processo educacional - professores, familiares, profissionais de apoio escolar e alunos, devem trabalhar em conjunto para a garantia de uma educação verdadeiramente inclusiva.

Os resultados da pesquisa realizada para a elaboração deste artigo mostraram que a existência de um ambiente propício para a inclusão escolar de alunos autistas exige empenho dos profissionais da área educacional. É necessário que o professor esteja preparado e capacitado para lidar com as particularidades de cada aluno autista de forma individualizada. Vale ressaltar que a inclusão escolar abrange não só o aluno com autismo, mas também seus pares, que devem estar capacitados para conviver com pessoas diferentes em um ambiente de aceitação e respeito.

Desta forma, a inclusão escolar surge como uma grande oportunidade para o pluralismo cultural, a construção de valores e a promoção de uma sociedade inclusiva e justa. É dever da escola, enquanto instituição educacional, desenvolver práticas e ações concretas para a inclusão escolar de alunos autistas, garantindo assim não só os seus direitos fundamentais à educação, como também um ambiente apropriado para o desenvolvimento humanístico dessas crianças, jovens e adultos.

## REFERÊNCIAS

AINSCOW, Mel. **Necessidades especiais na sala de aula – um guia para a formação de professores**. Instituto de Inovação Educacional: Edições UNESCO, 1998.

AMERICAN PSYCHIATRIC ASSOCIATION (APA). **Diagnostic and statistical manual of mental disorders**. 5th ed. Washington (DC): American Psychiatric Association, 2013.

BRASIL, Lei nº 12.764 de 27 de dezembro de 2012. **Lei Brasileira que institui a Política Nacional de Proteção dos Direitos da Pessoa com Transtorno do Espectro Autista**. Diário Oficial da União, 27 Dez 2012. Disponível em: <[https://www.planalto.gov.br/ccivil\\_03/\\_ato2011-2014/2012/lei/l12764.htm](https://www.planalto.gov.br/ccivil_03/_ato2011-2014/2012/lei/l12764.htm)>. Acesso em: 24 de abril de 2022

\_\_\_\_\_, Ministério da Saúde. **Política Nacional de Educação Especial na Perspectiva da Educação Inclusiva**: Portaria nº 555/2007. Disponível em: <<http://portal.mec.gov.br/arquivos/pdf/politicaeduc ESPECIAL.pdf>> . Acesso em 15 de novembro de 2018.

BEYER, H. O. A educação inclusiva: ressignificando conceitos e práticas da educação especial: **Revista inclusão**, v. 2, 8-12. 2007.

BOSA, Cleonice. **Autismo e educação: reflexões e propostas de intervenção**. Porto Alegre: Artmed, 2002. p. 21-39.

CALLONERE, Andréa. **Relações familiares e escolares de estudantes com desenvolvimento atípico na escola comum**. Dissertação de Mestrado. São Paulo: Universidade Presbiteriana Mackenzie, 2002.

CAMARGO, Sígilia Pimentel Höher; BOSA, Cleonice Alves. Competência social, inclusão escolar e autismo: revisão crítica da literatura. **Revista Psicologia e Sociedade**; 21 (1): 65-74, 2009.

FUMEGALLI, Rita de Cássia de Ávila. **Inclusão escolar: O desafio de uma educação para todos?** Ijuí, 2012 – Disponível em: <http://bibliodigital.unijui.edu.br:8080/xmlui/bitstream/handle/123456789/716/rita%20monografia.pdf?sequence=1>. Acesso em: 20 de março de 2023.

GAUDERER, E. C.; PRAÇA, E. T. P. O. **Uma reflexão acerca da inclusão de aluno autista no ensino regular**. 2011.

KLIN, A. **Autismo e Síndrome de Asperger: uma visão geral**. Revista Brasileira de Psiquiatria. V.28 p. 3-11, 2006.

MANTOAN, M.T.E. **Inclusão escolar: o que é, por que é? Como fazer?** São Paulo: Moderna, 2003.

MENEZES, A. R. S. **Inclusão escolar de alunos com autismo: quem ensina e quem aprende?** Dissertação de Mestrado, UERJ, 2012.

ORRÚ, Sílvia Ester. **Autismo, linguagem e educação: interação social no cotidiano escolar**. Rio de Janeiro: Wak Editora, 2007.

PAGANELLI, Raquel. **A infantilização e a subestimação da pessoa com deficiência intelectual como principal barreira à inclusão**. Rede de cuidado à pessoa com deficiência. – 1. Ed. – Tubarão:Copiart, 2017.

PLETSH, Márcia Denise; LIMA, Marcela Francis Costa. **A inclusão escolar de alunos com autismo: um olhar sobre a mediação pedagógica**. In: Anais do I Seminário Internacional de Inclusão Escolar: práticas em diálogo; 2014; Rio de Janeiro, Brasil. Rio de Janeiro: Universidade Estadual do Rio de Janeiro; 2014.

RIBEIRO, Eliane do Socorro Oliveira. **A relação família e escola no processo de inclusão do aluno com deficiência**. IV Cintedi. 2021

SILVA, Edna Maria Amâncio, FARIA, Márcia Lopes Silva de. **O papel do professor da educação infantil de crianças de 0 a 3 anos de idade na perspectiva do educar e cuidar**. João Pessoa: UFPB, 2014.

SINOPSE DO LIVRO S.O.S. Autismo: **Guia completo para entender o transtorno do espectro autista**”. Disponível em: < [https://books.google.com.br/books?hl=pt-BR&lr=&id=I6h-DwAAQBAJ&oi=fnd&pg=PT6&dq=SINOPSE+DO+LIVRO%E2%80%9DS.O.S.+Autismo:+Guia+completo+para+entender+o+transtorno+do+espectro+autista%E2%80%99&ots=So8md8bhl\\_&sig=uovCHOjnxMNyEdfRhRIsVPHRS4#v=onepage&q&f=false](https://books.google.com.br/books?hl=pt-BR&lr=&id=I6h-DwAAQBAJ&oi=fnd&pg=PT6&dq=SINOPSE+DO+LIVRO%E2%80%9DS.O.S.+Autismo:+Guia+completo+para+entender+o+transtorno+do+espectro+autista%E2%80%99&ots=So8md8bhl_&sig=uovCHOjnxMNyEdfRhRIsVPHRS4#v=onepage&q&f=false)>. Acesso em: 20 de março de 2023.

SOUZA, José Clécio Silva de; SANTOS, Décio Oliveira dos. Práticas de leitura: análise do papel dos professores frente ao cenário da Educação Infantil. **Revista Educação Pública**, Rio de Janeiro, v. 22, nº 28, 2 de agosto de 2022. Disponível em: <https://educacaopublica.cecierj.edu.br/artigos/22/28/praticas-de-leitura-analise-do-papel-dos-professores-frente-ao-cenario-da-educacao-infantil>. Acesso em: 20 de março de 2023.

VALLE, T. G. M.; MAIA, A. C. B. **Aprendizagem e comportamento humano**. São Paulo: Cultura Acadêmica, 2010.